

Notas de Pesquisa

Lealdades compartilhadas: alforrias, etnicidades e família na sociedade escravista meridional (Porto Alegre-1748-1888)

Shared loyalties: Emancipation, ethnicity and family in Southern slaveholding society (Porto Alegre-1748-1888)

Paulo Roberto Staudt Moreira¹

staudt@unisinos.br

O título dado a estas notas de pesquisa – *Lealdades compartilhadas* – já indica que pensávamos, desde o princípio de nosso projeto, em considerar as estratégias familiares da população cativa como um elemento essencial de sobrevivência e resistência na vigência do sistema escravista. Apadrinhamentos, amasiamentos, relações de coabitação e de vizinhança potencializaram a cultura de resistência dos escravos ao cativeiro, permitindo em milhares de casos a bem-sucedida passagem para o estado de liberdade (Mello, 1994; Moreira, 2006). O cruzamento de fontes primárias eclesásticas (casamentos e batismos) com as cartas de alforria tem nos auxiliado a entender um pouco mais a dinâmica da sociedade escravista meridional (Moreira e Tassoni, 2007).

Através da pesquisa dos livros de cartório de Porto Alegre, obtivemos 10.055 cartas de alforria. Evidentemente, muitas delas fazem menção a libertações que ocorreram fora do espaço de Porto Alegre, em distritos e freguesias que se emanciparam da jurisdição administrativa da capital ou em municípios que nunca estiveram ligados a Porto Alegre, mas que careciam de cartórios. A distribuição percentual cronológica destes documentos é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição percentual das cartas de alforria por período entre 1748 e 1888, a partir dos dados disponíveis nos livros de cartório de Porto Alegre.

1748 a 1798	10,25%
1799 a 1848	28,80%
1849 a 1888	60,95%

¹ Professor do PPG em História – UNISINOS, doutor em História – UFRGS.

Entre as explicações para essa distribuição, podemos arrolar a diminuição do sub-registro, com o aumento do número de cartórios e a gradual interferência da Coroa Imperial nas relações senhor-escravo e o crescimento da pressão dos escravos para obterem a alforria em momentos de intensificação do tráfico interprovincial (que acarretaria a quebra de laços familiares e de parentesco).

Considerando a variável gênero (Tabela 2), temos nas cartas de alforria de Porto Alegre, confirmando uma tendência já verificada em outros lugares do Brasil, uma certa ascendência das mulheres sobre os homens (Paiva, 1995).

Tabela 2. Distribuição das cartas de alforria de Porto Alegre por gênero no período 1748-1888.

Sexo	Quantidade	%
Sexo feminino	5.632	56,01
Sexo masculino	4.418	43,94
Não consta	5	0,05
	10.055	100,00

Existem algumas explicações para esta distribuição. Entretendo relações íntimas (de diversas formas) com seus senhores, muitas destas mulheres ocupavam-se no serviço doméstico e deveriam ser *seduzidas* com promessas de liberdade, não só para evitar possíveis vinganças, como também para incentivar a produção de *crias* que aumentassem o patrimônio de seus senhores. Entretanto, é evidente que o número de alforrias de mulheres não poderia ser tão consideravelmente superior ao dos homens; afinal, a sua liberdade correspondia a um prejuízo à reprodução natural do plantel escravo: ao libertar-se uma mulher alforriava-se o seu ventre – dali em diante as *crias* que tivesse não mais pertenceriam ao senhor. Sabedores disso, os senhores optavam em alforriar mulheres que já haviam gerado filhos escravos e que não mais estavam em idade de reprodução.

Quanto à origem, temos 2.768 cativos *estrangeiros* (sendo dois de Buenos Aires, dois de Portugal e o restante africanos) (Tabela 3). Considerando os 2.764 africanos alforriados, podemos tentar detalhar as regiões de origem na África ou os grupos de proveniência. Infelizmente, um bom número destes estrangeiros consta arrolado apenas como africanos² 2 (187) e de Nação³ 3 (476) – perfazendo 23,98% do total. Tendo como referência o total de 2.764 alforrias de africanos e considerando que não conseguimos referências sobre duas “nações” constantes dos documentos (1 Cocambar e 1 Mi-gangue), estabelecemos abaixo uma discriminação sobre as regiões de procedência:

Tabela 3. Distribuição das cartas de alforria de Porto Alegre por região de origem dos negros alforriados no período 1748-1888.

Região		Nº de alforrias		%	
África Ocidental		932		33,80	
África Central Atlântica	Congo Norte	1.099	368	39,76	13,31
	Norte de Angola		328		11,87
	Angola Meridional		403		14,58
África Oriental		68		2,47	

Mesmo com o percentual maior dos escravos vindos da África Central Atlântica, pensamos que os dados sobre os importados da África Ocidental devem ser salientados. Abrangendo um espectro maior de *grupos de procedência*, os africanos escravizados no Congo Norte, Norte de Angola e Angola Meridional comportam diversidades étnicas mais destacadas dos que os da África Ocidental, que possuem elementos culturais mais próximos e que facilitaram o diálogo. Entre os 932 africanos trazidos desta região, destacam-se os Gege e os Haussás, mas principalmente os Nagôs e Minas. A maior incidência destas *nações* entre os alforriados não atesta somente a sua presença estatística, mas também a sua maior competência enquanto grupo para agenciar a libertação, já que muitas destas cartas foram concedidas mediante o esforço coletivo dos *parentes*. A Tabela 4 mostra as formas pelas quais as alforrias foram passadas.

Tabela 4. Forma de repasse das cartas de alforria de Porto Alegre no período 1748-1888.

Tipo	Total		% do total
CONDICIONAIS	3.547		35,28
Prestação de Serviços	1.041	1.044	10,38
Prestação de Serviços + pagamento	3		
Serviço militar	152	152	1,51
Morte do Senhor	2.071	2.281	22,69
Morte do Senhor + Pagamento	152		
Morte do Senhor + Pagamento + Prestação de serviços	1		
Morte do Senhor + Prestação de serviços	57		
Outros	66	70	0,70
Casamento com o libertador	4		
NÃO CONSTA	834		8,29
PAGA	3.740		37,20
Pagamento	3.708		
Pagamento + Prestação de serviços	29		
Pagamento + Serviço Militar ⁴	3		
SEM ÔNUS OU CONDIÇÃO	1.934		19,23
	10.055		100,00

² Sendo 5 “gentios da África”.

³ Sendo 1 “crioulo de nação”.

⁴ Preço da alforria foi pago pelo Governo Imperial para que os escravos servissem no Exército.

Notemos que as alforrias condicionais (35,28% do total) e as pagas (37,20) dominam a amostragem. Entre as primeiras, o vínculo da alforria com a prestação de anos de serviço e com a morte do senhor domina as negociações entre senhores e seus escravos. Não nos alongaremos aqui na análise de cada tipologia, mas devemos chamar a atenção de que várias cartas de alforria mesclavam as formas de quebra dos grilhões do cativo.

Seguindo o exemplo de Florentino e Machado (2003), pensamos ser interessante separarmos apenas as cartas de alforria emitidas para escravos africanos. Assim, a Tabela 5 mostra os tipos de carta concedidas aos 2.764 africanos alforriados registrados nos cartórios de Porto Alegre.

Tabela 5. Tipos de cartas de alforria concedidas a negros africanos em Porto Alegre no período 1748-1888.

Tipo	Africanos		Total	
	Nº	%	Nº	%
Pagas	1.381	49,96	3.740	37,20
Condicionais	667	24,13	3.547	35,28
Sem ônus ou condição	573	20,73	1.934	19,23
Nada consta	143	5,18	834	8,29
Total	2.764	100,00	10.055	100,00

Procurando densificar ainda mais a análise, devemos considerar que, dos africanos acima, 33,8 % eram da Costa Ocidental africana, destacando-se os Minas e Nagôs (Tabela 6), grupos próximos entre si.

Tabela 6. Tipos de cartas de alforria concedidas a negros africanos Minas e Nagô em Porto Alegre no período 1748-1888.

Tipos	África Ocidental (Mina)				África Ocidental (Nagô)			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pagas	117	65,73	123	63,73	174	79,09	134	77,90
Condicionais	20	11,24	25	12,96	22	10,00	11	6,40
SOC	30	16,85	37	19,17	17	7,73	20	11,64
Desconhecido	11	6,18	8	4,14	7	3,18	7	4,06
Sub-Total	178		193		220		172	
Total	371				392			

As breves referências que fazemos às nações africanas que foram trazidas para o Brasil Meridional servem, em parte pelo menos, para dissipar o *miasma* que encobre a presença negra no Rio Grande do Sul. A riqueza (e diversidade) cultural fica evidente na pluralidade das – mesmo imprecisas – classificações. Minas e Nagôs juntos configuravam 763 alforrias ou 82% do total das libertações de africanos da Costa Ocidental. Voltando para as alforrias concedidas a escravos africanos e pensando nos procedentes da África Central Atlântica, temos 39,76% do total. A subdivisão desta área pelas regiões apontadas pela historiadora Mary Karasch (2000)⁵, são apresentadas na Tabela 7.

Estas notas de pesquisa que ora publicamos não trazem análises definitivas, mas apenas têm como objetivo exteriorizar a situação atual de nosso projeto sobre a difícil passagem do cativo à liberdade.

Tabela 7. Distribuição das cartas de alforria concedidas em Porto Alegre no período 1748-1888 por regiões da África Central Atlântica.

Tipos	Africa Central Atlântica				Africa Central Atlântica				Africa Central Atlântica			
	(Angola Norte)				(Angola Sul)				(Congo Norte)			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Paga	30	38,46	54	47,37	66	36,46	88	39,64	96	43,44	71	48,30
Cond	29	37,18	29	25,44	85	46,97	82	36,94	58	26,25	25	17,00
SOC	17	21,80	21	18,42	22	12,16	41	18,47	59	26,70	44	29,94
Desc	2	2,56	10	8,77	8	4,41	11	4,95	8	3,61	7	4,76
Sub	78		114		181		222		221		147	
Total	192				403				368			

Referências

FLORENTINO, M. e MACHADO, C. (org.). 2003. *Ensaio sobre a escravidão*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 286 p.
KARASCH, M. 2000. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro – 1808 / 1850*. São Paulo, Cia. das Letras, 643 p.

MELLO, M.A.L. de. 1994. *Reviravoltas, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas, Editora Universitária, UFPEL, 163 p.
MOREIRA, P.R.S. 2006. Justicando o cativo: A cultura de resistência escrava. In: H. PICCOLO, *História Geral do Rio Grande do Sul – Império*. Passo Fundo, Méritos, p. 215-231.

⁵ Os africanos vindos da África Central Atlântica compunham uma diversidade de grupos culturais e étnicos, destacando-se numericamente os Benguelas, seguidos pelos do Congo, Angola, Cabinda, Rebolo, Monjolo e Cassanje.

- MOREIRA, P.R.S. e TASSONI, T. 2007. *Que com seu trabalho nos sustenta: As cartas de alforria de Porto Alegre: 1748 / 1888*. Porto Alegre, EST Edições, 700 p.
- PAIVA, E.F. 1995. *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: Estratégias de resistência através dos testamentos*. São Paulo, Annablume, 285 p.

Submetido em: 24/09/2007

Aceito em: 24/10/2007